



## Discurso, polêmica e persuasão: uma análise da produção verbo-visual da extrema-direita brasileira sobre temas sociais sensíveis no X (Twitter)

**Título em Inglês:** *Discourse, controversy and persuasion: an analysis of the verbal-visual production of the Brazilian extreme right on sensitive social topics on X (Twitter)*

**Título em Espanhol:** *Discurso, controversia y persuasión: un análisis de la producción verbal-visual de la extrema derecha brasileña sobre temas sociales sensibles en X (Twitter)*

**Jéssica Gomes de Oliveira**

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (POSLING), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

[jessicagomes.mtz@gmail.com](mailto:jessicagomes.mtz@gmail.com) | <https://orcid.org/0009-0006-0854-4151>

### Resumo

O estudo concentra-se na análise das estratégias retóricas, valores e imaginários políticos mobilizados pela extrema-direita brasileira no ambiente *on-line*, levando-se em consideração o uso da polêmica como dimensão argumentativa do tecnodiscurso de caráter verbo-visual. Para tal, foi realizada uma análise qualitativa de quatro publicações coletadas no perfil do ex-presidente Jair Bolsonaro no X (Twitter), observando-se os signos-sintomas mobilizadores de sistemas de valores em polêmicas públicas sobre temas sociais sensíveis. O embasamento teórico-metodológico se funda na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, em especial, na Semiologia de Patrick Charaudeau. Foram utilizados, especialmente, estudos de Amossy (2017, 2020) e Charaudeau (2015, 2020) sobre a polêmica e a argumentação, a noção de tecnodiscurso proposta por Paveau (2013, 2017) e as contribuições de Barthes (1990) sobre as mensagens conotadas em um discurso verbo-visual. Por meio das análises, observamos a polêmica como estratégia argumentativa do tecnodiscurso produzido pela extrema-direita brasileira nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Discurso Digital. Polêmica. Análise do Discurso. Semiótica. Extrema direita.

### Abstract

*The study focuses on the analysis of the rhetorical strategies, values and political imaginaries mobilized by the Brazilian radical right in the online environment, taking into account the use of controversy as an argumentative dimension of techno-discourse of a verbal-visual nature. To this end, a qualitative analysis was carried out on four publications collected from former president Jair Bolsonaro's profile on X (Twitter), observing the sign-symptoms that mobilize value systems in public controversies on sensitive social topics. The theoretical-methodological basis is based on French Discourse Analysis, in particular, on Semiotics. Specially used were studies by Amossy (2017, 2020) and Charaudeau (2015, 2020) on controversy and argumentation, the notion of technodiscourse proposed by Paveau (2013, 2017) and the contributions of Barthes (1990) on messages connoted in a verbal-visual discourse. Through analysis, we observed the controversy as an argumentative strategy of the techno-discourse produced by the Brazilian radical right on social networks.*

**Keywords:** Digital Speech. Controversy. Speech analysis. Semiotics. Radical right.

### Resumen

*El estudio se centra en el análisis de las estrategias retóricas, valores e imaginarios políticos movilizados por la extrema derecha brasileña en el entorno online, teniendo en cuenta el uso de la controversia como dimensión argumentativa del tecnodiscurso de carácter verbal-visual. Para ello, se realizó un análisis cualitativo de cuatro publicaciones recogidas del*

Artigo recebido em: 20/06/2024 | Aprovado em: 03/10/2024 | Publicado em: 05/10/2024

### Como citar:

OLIVEIRA, Jéssica Gomes de. Discurso, polêmica e persuasão: uma análise da produção verbo-visual da extrema-direita brasileira sobre temas sociais sensíveis no X (Twitter). **Tríades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens**, Juiz de Fora: UFJF, v. 14, p. 1-15, e44927, 2024. e-ISSN 1984-0071. DOI: <https://doi.org/10.34019/1984-0071.2024.v13.44927>.





*perfil del ex presidente Jair Bolsonaro en X (Twitter), observando los signos-síntomas que movilizan los sistemas de valores en controversias públicas sobre temas sociales sensibles. La base teórico-metodológica se fundamenta en el Análisis del Discurso (AD) francés, en particular, en la Semiología de Patrick Charaudeau. Se utilizaron especialmente los estudios de Amossy (2017, 2020) y Charaudeau (2015, 2020) sobre la controversia y la argumentación, la noción de tecnodiscurso propuesta por Paveau (2013, 2017) y los aportes de Barthes (1990) sobre los mensajes connotados de forma verbal. discurso visual. A través del análisis, observamos la polémica como estrategia argumentativa del tecnodiscurso producido por la extrema derecha brasileña en las redes sociales.*

**Palabras clave:** Discurso digital. Controversia. Análisis del discurso. Semiótica. Extrema derecha.

## Introdução

O estudo concentra-se na análise das estratégias retóricas, valores e imaginários políticos projetados pela extrema-direita brasileira em sua produção digital, levando-se em consideração o uso da polêmica como dimensão argumentativa do tecnodiscurso de caráter verbo-visual. Podemos considerar a polêmica como parte constituinte da estratégia argumentativa no campo político; ela constitui uma modalidade argumentativa e não um mero discurso agressivo, segundo Amossy (2017). Nesse sentido, faz-se necessária uma análise detalhada sobre o papel que a polêmica desempenha nas trocas verbais realizadas por atores políticos, desvendando de que maneiras elementos patêmicos contribuem para o processo de persuasão e consequente despertar de “paixões” na esfera política.

A escolha do perfil oficial de JB no X (*Twitter*) para a análise proposta deve-se pela constatação de seu intenso potencial na difusão do discurso da extrema-direita brasileira nas redes sociais digitais. Especialmente após a campanha favorável ao processo de *impeachment* da ex-mandatária Dilma Rousseff, realizada pela página de Bolsonaro nos anos de 2015 e 2016, observamos um crescente número de publicações que pode ser compreendido como uma estratégia para tornar seu nome consolidado na disputa seguinte pela presidência. Já na disputa que o elegeu presidente, JB escolheu de forma estratégica o uso das redes para interagir com o eleitorado e disseminar ideias, algo que tem se tornado comum nos últimos anos, não somente por ele, como por outros atores da esfera política que se utilizam do dispositivo para captação de eleitores, construção e manutenção de suas imagens. Por meio das análises, foram identificados signos-sintomas que nos dão pistas sobre a adoção da polêmica como estratégia argumentativa das publicações e sobre o uso de mensagens plurissemióticas para a mobilização de determinados valores e imaginários políticos.

Para o debate proposto, tomamos como base estudos desenvolvidos pela Análise do Discurso (AD) de linha francesa, em especial, pela Semiologia. Compreende-se que a análise poderá possibilitar um avanço nos estudos sobre a linguagem verbo-visual expressa pela extrema-direita no Brasil, especialmente a partir da identificação dos valores e imaginários políticos (re) construídos e difundidos por ela.

Como estamos lidando com um corpus nativamente digital, Paveau (2017) nos alerta para os elementos e recursos linguageiros e não linguageiros que podem ser encontrados levando-se em consideração a natureza técnica do componente estrutural do tecnodiscurso. Certas características descritas pela teórica francesa também devem ser observadas, como a capacidade de rastreabilidade (a partir da



investigabilidade podemos localizar e coletar, através de ferramentas de busca e de redocumentação, discursos digitais produzidos anteriormente), de relacionalidade (já que os discursos digitais estão todos inscritos numa relação com outros discursos) e a composição (podem mobilizar simultaneamente texto, imagem fixa ou animada e sons). Especificidades como essas, observadas no tecnodiscurso produzido no X (*Twitter*), foram levadas em consideração na análise proposta, incluindo o limite de caracteres por mensagem, a simulação da linguagem oral e o processo de iconização, verificando se tais fenômenos estão a serviço da projeção de imagens e imaginários, do agenciamento da polêmica. Sobre esta última, buscamos observar os interdiscursos que atravessam as publicações e de que modo valores e imaginários são (re) construídos, afirmados e difundidos, levando em consideração também a presença de uma dimensão patêmica.

Levando os aspectos mencionados em consideração, foram selecionadas, para a análise proposta, quatro publicações realizadas no perfil oficial do ex-presidente Jair Bolsonaro (JB) no X (*Twitter*), entre os anos de 2016 e 2019, observando-se signos-sintomas mobilizadores dos sistemas de valores do campo ideológico analisado. As publicações foram selecionadas por serem caracterizadas dentro do espectro do discurso polêmico proposto por Amossy (2017), além de abordarem polêmicas públicas em torno de temas sociais sensíveis. Como explica Emediato (2023), polêmicas públicas costumam suscitar interações polarizadas, fazendo com que atores sociais se engajem em diferentes regimes de racionalidade com posições dóxicas bem definidas. O estudioso considera temas sensíveis aqueles que, além de suscitarem interesse público, possuem forte potencial agonístico, são indutores da polêmica pública e dos discursos polêmicos. Em nossa pesquisa, foram selecionadas publicações que giram em torno das representações endereçadas à população LGBTQIA+ e do que chamamos de linguagem bélica num campo plurissemiótico.

### Escolhas metodológicas

O principal método adotado para a pesquisa é de natureza representacional e interpretativa e o objeto de estudo definido através de hipóteses de representações sócio-discursivas e sócio-históricas. Como explica Charaudeau (2011), em tais tipos de estudo, as hipóteses são interpretativas pela necessidade de formulá-las, pelo menos inicialmente, sobre o que são os posicionamentos sociais relacionados às práticas discursivas e os tipos de sujeitos a eles ligados. De natureza interdiscursiva, o *corpus* que constitui a análise qualitativa é formado por um conjunto do que o linguista chama de signos-sintomas, formados por palavras, fórmulas diversas reveladoras de maneiras de dizer e signos icônicos (encenações com imagens), capazes de representar sistemas de valores. Também por isso, adotamos as contribuições de Roland Barthes (1990) para a verificação das mensagens conotadas e denotadas presentes em um discurso verbo-visual.

Também levamos em consideração, seguindo a proposta de Maingueneau (2017), a existência de uma cenografia digital que comporta uma dimensão *iconotextual* (ligada às imagens que se apresentam na tela), uma *arquitetural* (afinal, um site é uma rede de páginas dispostas de determinado modo) e uma *procedimental* (cada site é, também, uma rede de instruções). Um efeito monofônico no dialogismo também será considerado, afinal, mesmo que a



estrutura seja dialógica (e não dialogal), pode ser observado um entrecruzamento de discursos que formam um conjunto de confrontos verbais, num fluxo de enunciados que se atravessam.

Como explica Barros (1997), na visão bakhtiniana, o dialogismo deve ser considerado um princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Este último, por sua vez, não é individual, pois se constrói pelo menos entre dois interlocutores (seres sociais) e também porque se constitui como um “diálogo entre discursos”, ou seja, mantém relações com outros discursos. Assim, o dialogismo define o texto como um tecido de muitas vozes, de muitos textos ou discursos que se entrecruzam, se completam, respondem uns aos outros ou polemizam no interior do texto. De todo modo, é preciso distinguir a existência de um dialogismo interno ao discurso (em que se reproduzem os diálogos com outros discursos) das relações que podem se estabelecer externamente entre os textos.

Ainda de acordo com Barros (1997), é preciso considerar uma distinção entre dialogismo e polifonia. Na primeira noção, temos o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso. A segunda noção, por sua vez, é utilizada para caracterizar determinado tipo de texto em que o dialogismo se deixa ver e em que são percebidas muitas vozes, numa oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem. Ainda que o diálogo seja uma condição da linguagem e do discurso, há textos polifônicos e textos monofônicos, a depender das estratégias discursivas empregadas. Nos textos polifônicos, os diálogos são aparentes, deixam-se ver; nos textos monofônicos, eles se ocultam sob a aparência de um discurso único.

Como mencionado, também tomamos como base as contribuições de Roland Barthes (1990) para a verificação das mensagens conotadas e denotadas presentes em um discurso verbo-visual. Como explica Joly (1994), Barthes desenvolve uma metodologia própria ao investigar os significados e associá-los a significantes, encontrando, assim, signos completos. Para os autores, o que a imagem revela primeiro é uma substância *linguística*, inserida pelo código da língua. Em seguida, é revelada uma mensagem de natureza *icônica* e denotativa para, só então, apresentar a mensagem *simbólica* e conotativa. A mensagem literal aparece como suporte da mensagem simbólica. É preciso ter em mente, portanto, que um sistema de conotação é aquele que adota os signos de outro sistema, para deles fazer seus significantes; sendo assim, a imagem literal é *denotada* e a simbólica é *conotada*.

## A polêmica como estratégia argumentativa

Sabemos que a polêmica, em geral, se constitui como contradiscurso focado na refutação, em que o outro aparece para ser desacreditado ou contrariado. Ela comporta diferentes traços do discurso reportado, apresentando-o sob a forma de citação, de paráfrase, de discurso indireto, de antífrase irônica, de negação, etc. Como explica Amossy (2017), a troca polêmica toma como base alguns traços marcantes, entre eles a *dicotomização*, expressa por intensa oposição de ideias e radicalização que pode levar a posições excludentes, dificultando o debate ou tornando-o impossível de ser realizado. De forma semelhante, a *polarização* provoca argumentações em campos sociais opostos, manifestando-se a partir da



separação entre um “nós” e um “eles”. E é aí que entra a arte da refutação, que pode chegar a combater teses adversárias de forma radical e até sem compromisso.

Para a estudiosa, a presença da polêmica na fala pública pode ser explicada tanto pela dificuldade dos atores políticos e dos cidadãos em obedecer às regras de um debate minimamente racional, quanto pela curiosidade do público em visualizar o espetáculo da violência. Haveria, portanto, certa curiosidade do público em acompanhar a violência verbal por meio do embate de opiniões contrárias, não permitindo que se chegue a um consenso. Não podemos deixar de mencionar, contudo, o papel das mídias na espetacularização dos embates nos quais sobressaem a violência e a agressividade. No contexto brasileiro, percebemos uma tendência à espetacularização da violência verbal, especialmente nos últimos anos, o que vai ao encontro da noção de “espetáculo político” proposta por Courtine (2003), que envolve tanto os atores políticos ávidos por se fazerem ver e ouvir, quanto os meios de comunicação e suas transformações tecnológicas.

Para o autor supracitado, umas das consequências mais marcantes do surgimento de uma tecnologia da comunicação política foi sua capacidade de modificar a relação entre a enunciação do discurso e o espetáculo do corpo falante. É como se, depois de muito tempo mudo, o corpo do político passasse, de repente, a falar, num cenário em que técnicas audiovisuais de comunicação política promoviam uma pedagogia do gesto, do rosto e da voz. O corpo se tornou, assim, um recurso da representação política, um objeto-farol, passando-se de uma política do texto para uma da aparência, geradora de emoções. O discurso político passa, então, a levar em conta outras exigências, que vão além do “falar verdadeiro”: é preciso integrar o “imperativo da simplicidade”, o “falar-francamente”, a língua ordinária, a banalização cotidiana das ideias políticas.

Como modalidade argumentativa, o discurso polêmico retoma, reformula e até deforma alegações adversas, estabelecendo-se sobre operações linguageiras capazes de mobilizar um leque de procedimentos retóricos. Para alcançar a refutação, são utilizados contra-argumentos e também modos de escárnio, além de estratégias que se apoiam no bom senso, demonstrando, a partir de elementos da *doxa*, como o opositor possui características irracionais.

Maingueneau (1983), em seus primeiros trabalhos sobre a polêmica, apresentou ponto de vista similar, afinal, segundo o estudioso, para que o fenômeno se estabeleça, é necessário um espaço discursivo constituído por dois polos em constante confronto. Um existirá em função do outro, se delimitando mutuamente, sendo justamente por isso que, numa discussão, cada uma das partes se reapropria do discurso alheio, integrando-o, por inversão, ao seu sistema próprio. Isso significa que, ao citar o discurso do inimigo, o polemista age para fazer dele a negação de seu próprio discurso, fazendo com que a incompreensão seja condição da polêmica. Quando o espaço discursivo é encarado como uma rede de interação semântica, observamos a formação de um processo de interincompreensão.

Para Arruda (2020), é preciso lembrar que as inovações tecnológicas têm trazido novas roupagens aos textos no espaço *on-line*, com interações que



acontecem por meios escritos, imagéticos e também sonoros, caracterizando o que os estudos da Linguística Textual chamam de hipertexto. O X (*Twitter*) se tornou palco, nos últimos anos, para figuras políticas expressarem seus pontos de vista, além de formar um espaço virtual aberto para debates sociais em que diferentes sujeitos são livres para a interação, utilizando estratégias linguístico-discursivas para argumentar. Através das práticas sociocomunicativas que ali acontecem, surge a necessidade de observar o modo como os objetos de discurso são construídos pelos sujeitos nas conversações digitais.

Após a apresentação de algumas reflexões teóricas sobre a adoção da polêmica como estratégia argumentativa em contextos políticos, passaremos, a seguir, para a apresentação das análises e seus resultados.

## Resultados: a polêmica expressa através de uma dimensão iconotextual

Na primeira publicação analisada, de 2016, JB apresenta uma estrutura comparativa mobilizadora da dicotomização e da polarização características do discurso polêmico. Por meio da *rastreabilidade*, própria do discurso digital, identificamos que ao lado esquerdo da tela está o ginasta Arthur Nory, durante a cerimônia de entrega de medalhas nas Olimpíadas do Rio, em 2016. Na época, o atleta integrava as Forças Armadas Brasileiras (FAB) através do Programa Atletas de Alto Rendimento (PAAR). Na imagem, ele executa o gesto de continência, um cumprimento utilizado no meio militar como forma de demonstrar respeito aos superiores, aos pares e aos símbolos nacionais. Ao lado direito da tela identificamos tratar-se de uma foto da peça teatral “Macaquinhos”, inspirada na obra “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro. Iniciamos a análise destacando os modos como o discurso da extrema-direita brasileira ultrapassa a substância linguística, utilizando a mensagem icônica e denotativa para mobilizar aquilo que é de caráter conotativo.

Figura 2: JB compara representações imagéticas



Fonte: Perfil de JB no X (*Twitter*), 2016.

Na publicação, a *relacionalidade* e a *composição* descritas por Paveau (2017) como características do discurso digital são observadas, afinal, além de estarem inscritos numa relação com outros discursos, os *posts* mobilizam, simultaneamente, texto, imagem fixa e/ou animada. Segundo Veiga e Penido



(2023), manifestações político-artísticas e imagéticas são capazes de mobilizar cenas polêmicas na busca por formas de subversão a símbolos sagrados, institucionais e nacionais que impregnam um *modus operandi* social e colonialista: cisgênero, heteronormativo, racista e classista. Para nós, o discurso da extrema-direita brasileira utiliza manifestações culturais como agenciadoras da polêmica pública.

No caso em tela, o discurso polêmico se forma na retomada, reformulação e deformação de narrativas artísticas e manifestações culturais adversas, introduzidas às publicações através do escárnio e da demonstração pelo absurdo (*reductio ad absurdum*). A dicotomização, demonstrada por Amossy (2017) como uma das marcas do discurso polêmico, é expressa através da dimensão iconotextual. A partir de elementos da *doxa*, são imputados aos opositores o imaginário do obsceno (atores nus), da libertinagem, da depravação sexual e de certo “despudor homossexual”, afinal, na primeira publicação, são observados homens e mulheres numa pose que remete ao contato sexual.

Observamos, ainda, signos-sintomas de refutação, a manipulação pelo medo e a polêmica interdiscursiva em relação às representações e imaginários negativos mobilizados em torno da população LGBTQIA+ e a esquerda brasileira. É preciso considerar que, segundo Turpin (2023), denominações cujo valor axiológico negativo se moldam na forma de insulto podem se constituir como um ato de ódio. Como explicam Moïse e Hugonnier (2019), é possível encontrar em circulação discursos com traços homofóbicos identificados pela expressão da exclusão, por atos de condenação, por julgamentos essencializantes e também pela expressão da vergonha, elementos que integram a retórica do ódio. O fenômeno da exclusão aparece em atos de violência verbal e na negação e rejeição ao outro e sua alteridade, provocadora da vergonha. Para Barbeau e Moïse (2019), a vergonha é o sentimento de humilhação que reflete a discrepância com as normas sociais esperadas, provocadora da exclusão e da desvalorização de si.

Na publicação a seguir, por sua vez, o então deputado expõe o vídeo de uma *performance drag queen* em que suas protagonistas cantam versos como “Bolsonaro não me representa”, além de citarem, em tom de desafio, prática sexual que poderá ser realizada com aqueles que se oporem a suas representações de gênero e performances.



**Figura 2:** JB publica vídeo de performance LGBTQIA+



Fonte: Perfil de JB no X (Twitter), 2016.

Barreto, Lima e Lima (2021) falam numa multiplicidade de “*performances trans*”, compreendidas como dissidentes de gêneros cujos significados foram naturalizados, podendo, ou não, tratar-se de *drags*. Nestas últimas, observa-se a representação de atos atribuídos, em geral, ao gênero feminino, que recebe uma forte carga teatral. Tomando como base estudos de Judith Butler sobre gênero, os autores pontuam que a *performer* revela a farsa da naturalização das identidades de gênero devido à inconformidade entre sua anatomia e o gênero que representa, exacerbando o deslocamento entre essas duas categorias (ao mesmo tempo e também separadamente). Através do que pode ser compreendido como uma paródia da representação de gênero verdadeiro, o performativo abre espaço para seu rompimento ou reformulação.

Na publicação, o que percebemos é a ridicularização da comunidade LGBTQIA+, traduzida na inferência de que a performance em tela só seria possível através da “Lei Rouanet”. A fala de JB “aproveitem porque em 2019 não mais terão Lei Rouanet” fortalece, no imaginário popular, a ideia de que grupos minoritários estariam se aproveitando do dinheiro público para propagar sua “ideologia de gênero”. A concepção, contudo, não se mostra verdadeira, uma vez que o financiamento é realizado por empresas privadas que podem destinar parte do pagamento de impostos ao segmento cultural. Segundo Costa (2022), nos últimos anos, a Lei Rouanet recebeu atenção especial por inúmeras polêmicas na esfera pública, especialmente quando se tratava da lisura dos processos envolvidos na captação de recursos. A pesquisadora propõe uma relação entre os ataques à Lei Rouanet e o que chama de um “discurso criminalizador do fazer cultural”, defensor da forma “correta” de utilizar a lei, ancorado em valores morais. Honorato e Kunsch (2018), entretanto, nos lembram que a *Lei Rouanet* tem sido alvo de críticas também de trabalhadores da cultura, seja por delegar a empresas privadas decisões sobre a destinação dos financiamentos ou pela concentração de recursos em certas regiões e iniciativas.

Para Piovezani (2021), a força e o alcance das condutas heteronormativas corroboram para a adesão aos discursos do preconceito. JB, através de um





simulacro grosseiro, mas eficiente, produz o contraste entre a virilidade da ideia armamentista e a debilidade do campo homossexual. Para o pesquisador, o político constrói uma retórica homofóbica com base numa linguagem violenta e supostamente viril, em que a comunidade LGBTQIA+ é associada ao imaginário da perversão, reduzida à sua sexualidade e a um suposto controle de seus instintos sexuais sob outros aspectos. JB ostenta o que o autor chama de “virtudes puras” e “hipertrofia da virilidade”.

A publicação acima, apesar de se encaixar no espectro do discurso polêmico, não evidencia traços da violência verbal. O discurso odioso, entretanto, pode ser inferido através do processo de *estigmatização* descrito por Galinari (2020), quando características “fora do padrão” e da visão de mundo das classes dominantes seriam responsáveis por gerar preconceito e até repulsa. No caso em tela e também nos anteriores, observamos que o discurso de ódio se apresenta numa lógica agonística “nós” *versus* “eles”, com posições excludentes inconciliáveis.

Uma superioridade estética e moral do emissor também pode ser observada, aproximando as publicações aos traços da linguagem fascista. Como explica Turpin (2010, 2023), a repetição de discursos aniquiladores da alteridade é uma das características da linguagem totalitária, cuja violência se baseia na coerção e na repressão, mesmo que de forma plurissemiótica. Através da *afirmação* e da *repetição*, teses passam a ser aceitas como verdades comprovadas, livres de provas concretas. Como vimos, acusar os adversários repetidas vezes, especialmente através de formas concisas, corrobora para que a ideia seja fixada na memória dos eleitores.

Outro ponto relevante se liga à recontextualização retórica de signos que dizem respeito à vivência da sexualidade humana e à concepção de gênero. Segundo Charaudeau (2022), a produção de efeitos de manipulação pelo medo pode ser efetivada através de estratégias discursivas que alimentam rumores e conspirações, ou ainda, pela identificação de um bode expiatório. No caso em tela, a população LGBTQIA+ é veiculada como o inimigo que ameaça os valores familiares tradicionais. Se na França, segundo Charaudeau (2022), os medos “identitários” se estabelecem na ameaça da invasão estrangeira e consequente diluição da identidade nacional, no Brasil, o que observamos é a constituição de discursos que apontam para a perda da moralidade cristã e consequente declínio social. Para nós, o discurso da extrema-direita brasileira não se estabelece através do ressentimento em relação às elites, fenômeno que o linguista aponta na França.

## O uso da linguagem bélica de caráter verbo-visual no agenciamento da polêmica

As próximas publicações analisadas apresentam uma linguagem bélica, de caráter verbo-visual, utilizada no que consideramos uma retórica patêmica. Falamos em linguagem bélica de caráter verbo-visual pois, além da presença na substância linguística, a questão armamentista é exposta pelo discurso através de outros signos-sintomas que remetem ao imaginário de poder das armas. Podendo ser compreendidas como objetos fálicos e de exposição da virilidade masculina, do



subjuço e da dominação, as imagens das armas servem para introjetar tais representações a JB.

Na publicação a seguir, observamos que o discurso polêmico se apresenta através de signos icônicos patêmicos que (re) afirmam tais imagens e imaginários: a arma de brinquedo nas mãos do político, as imagens de destruição no jogo que se passa na tela e o que parece ser uma pistola exposta na parede. Para Adorno (1951/2015), o “pequeno homem comum” é um dos expoentes básicos da propaganda fascista, corroborando o desejo do cidadão de se submeter à autoridade e ser, ao mesmo tempo, essa autoridade.

**Figura 31:** Linguagem bélica de caráter verbo-visual no perfil do X (Twitter) de JB



**Fonte:** Perfil de JB no X (Twitter), 2019.

O vídeo do então presidente “brincando de matar” vai ao encontro da publicação a seguir, em que polêmicas públicas se moldaram em torno da linguagem bélica num campo plurissemiótico. No próximo *post*, o político exhibe vídeo em que crianças, segundo ele, dois dos seus filhos e sobrinhos, simulam o comportamento de soldados que marcham e reproduzem com as mãos o gesto de empunhar armas. A melodia da cantiga infantil “Marcha soldado” foi introduzida às imagens, fazendo com que um efeito de “brincadeira” pudesse ser projetado. Segundo Lima e Pereira (2023), a cantiga de roda “Marcha soldado” é utilizada na educação infantil para trabalhar a questão do patriotismo, da sincronização dos movimentos e da coordenação motora nas crianças, além de valorizar o profissional soldado.



**Figura 42:** JB publica vídeo de crianças reproduzindo o comportamento de soldados



**Fonte:** Perfil de JB no X (Twitter), 2018.

Através da mobilização de signo-sintomas que remetem às armas e ao ofício de soldado, o político parece tentar naturalizar a mobilização do campo semântico-visual belicista, associando-o a um imaginário positivo. Na legenda, JB afirma não haver “nada de errado em ensinar valores e disciplina aos nossos filhos”, o que o político infere através da reprodução de ações executadas por soldados e, conseqüentemente, de seus valores. Lembrando que o ato de marchar, exibido através das imagens, é comumente associado à ordem e à disciplina características dos membros da instituição. Através de publicações como essas, JB projeta representações de homem forte, viril e patriota, além de mobilizar um imaginário nacionalista.

Novamente, uma lógica agonística é estabelecida: de um lado, o patriotismo mobilizado através de valores nacionalistas e, de outro, “parte da imprensa” que acusaria o político de não vestir seus “filhos de menina”, e de não incentivar “o ensino de sexo para crianças na escola”. Percebemos, portanto, um reforço às representações e imaginários heteronormativos como garantidores da ordem.

Percebemos, assim, que no pano de fundo de tal publicação está a polêmica interdiscursiva em relação ao discurso LGBTQIA+, caracterizando tal grupos com traços difamatórios e atribuindo-o atos negativos. Seguindo os estudos de Moïse e Hugonnier (2019), observamos em publicações como essas a constituição de um



discurso de ódio homofóbico que pode se apresentar de modo implícito e dissimulado.

Outro ponto interessante se refere à introdução da cantiga de roda como música de fundo para as imagens exibidas, o que remete às brincadeiras infantis e atua no reforço à mobilização do sentimento identitário de patriotismo e do imaginário da tradição. Para Mouffe (2015), entretanto, a questão identitária simbólica não é o único elemento utilizado para manter um grupo unido. Uma relação entre a atração ao nacionalismo e o gozo pode ser estabelecida, sendo este último organizado pelos membros do grupo através dos mitos nacionais. O inimigo, nesse caso, representa ameaça ao gozo e, por isso, deve ser aniquilado.

Seguindo trilha semelhante, Ansart (2019) nos lembra que o totalitarismo interdita todo e qualquer signo-sintoma que possa despertar emoções opostas à ordem, pressentindo que mensagens seriam capazes de materializar forças que podem sair do controle. Percebemos, assim, que além de imobilizar avanços nas pautas sobre o corpo livre e a sexualidade, as publicações analisadas se fundamentam na linguagem bélica, no nacionalismo, na imagem das armas e nos imaginários a ela relacionados (de controle e de força física), o que pode intimidar e até mesmo ameaçar grupos divergentes. A ameaça que paira grupos minoritários deixa de ser somente verbal, passando a pairar no âmbito plurissemiótico.

### Considerações finais

Como vimos, a dicotomização, demonstrada por Amossy (2017) como uma das marcas do discurso polêmico, é expressa através da dimensão iconotextual. Assim, diferentes signos-sintomas são mobilizados em torno da população LGBTQIA+, apontando para a manipulação pelo medo. Observamos, ainda, que JB utiliza a polêmica pública como mola propulsora do engajamento em suas redes sociais e como forma de dar efeito de verdade àquilo que diz.

Através de signo-sintomas que remetem ao ofício de soldado, o político mobiliza para si representações positivas comumente projetadas pela instituição Exército, além de projetar a imagem de homem patriota e um imaginário nacionalista. A associação às armas, por sua vez, colabora para a projeção de representações de potência e de chefe, à necessidade de autodefesa e de libertação do “mal”. A recorrência de um *pathos* agressivo nos mostra a força persuasiva dos imaginários ligados às armas e à necessidade de declarar guerra aos inimigos eleitos.

Gostaríamos de destacar, ainda, o caráter limitado da pesquisa, que não tem como objetivo esgotar todas as possibilidades de análise do discurso plurissemiótico veiculado nas redes sociais digitais. Tampouco temos como intenção apresentar conclusões que se apliquem a todo discurso político publicado nas redes sociais. Nosso objetivo é trazer luz para as discussões propostas, ampliando as reflexões sobre as estratégias argumentativas mobilizadas pela extrema-direita brasileira no ambiente *on-line*.



## Referências

- ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015. 240 p.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 244p.
- BARRETO, Rafaela. Gomes. Paes.; LIMA, Aluísio Ferreira de; LIMA, Stephanie. Caroline. Ferreira. de. Diferentes montagens e performances de drag queens e pessoas gênero-dissidentes: mimese de um ideal feminino ou revolução de gênero? **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 42, n. 1, p. 133–146, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/40038>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- BARROS, Diana. Luz. Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. *In*: Brait, Beth. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 27-38.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 288 p.
- CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 10, n. p. 01-23, 2011. Disponível em <https://www.patrick-charauudeau.com/Dize-me-qual-e-teu-corpus-eu-te.html> Acesso em 2 jun. 2024.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade**. Do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022. 192 p.
- COSTA, Pâmela de Souza. Lei Rouanet: disputas e moralidades em torno do financiamento à cultura no Brasil. *In*: Reunião Brasileira de Antropologia, 33., 2022, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Associação Brasileira de Antropologia. 2022. Disponível: [http://www.portal.abant.org.br/evento/rba/33RBA/files/1661294784\\_ARQUIVO\\_45cbb186998754908324d076569e1562.pdf](http://www.portal.abant.org.br/evento/rba/33RBA/files/1661294784_ARQUIVO_45cbb186998754908324d076569e1562.pdf) Acesso em: 2 jun. 2024.
- EMEDIATO, Wander. Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis: princípios teórico-analíticos e estudos de casos. *In*: EMEDIATO, Wander (org.) **Interações polêmicas e violências verbal em temas sociais sensíveis**, Campinas: Pontes, 2023. p. 19-80.
- HONORATO, Cayo; KUNSCH, Graziela. Antes que isso também seja proibido. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 9-18, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/28153> Acesso em: 2 jun. 2024.
- LIMA, Sandra. Maria. Vieira.; PEREIRA, Antônio Renaldo Gomes. Cantigas de roda como instrumento metodológico na educação infantil. *In*: PEREIRA, Antônio Ronaldo Gomes (org.) **Nas tramas da educação: construindo saberes**. Itapiranga: Schreibern, 2023. p. 9-25.
- MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web?. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 3, p. 135-160, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- MOÏSE, Claudine.; HUGONNIER, Claire. Discours homophobe. Le témoignage comme discours alternatif. **Semen**, n. 47, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/12795#:~:text=En%20effet%2C%20les%20t%C3%A9moignages%20des,'adversaire%20n'est%20orchestr%C3%A9e>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015. 160 p.



PAVEAU, Marie-Anne. **L'Analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. 1 ed. Paris: Hermann. 2017. 400 p.

TURPIN, Béatrice. Haine (discours de). In: BAILLE, N. L.; MOISE, C. **Discours de haine et de radicalisation**. Lyon: ENS Éditions, 2023. p.155-163. 2023. Disponível em: <https://books.openedition.org/enseditions/43955> Acesso em: 13 mar. 2024

PIOVEZANI, Carlos. A retórica homofóbica. **Revista Cult**, São Paulo, 1 ago. 2021. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/a-retorica-homofobica/> Acesso em 22 abr. 2024.

## Informações complementares

### Financiamento

Bolsa de doutorado da CAPES.

### Contribuição de autoria

**Concepção e elaboração do manuscrito:** Jéssica Gomes de Oliveira.

**Coleta de dados:** Jéssica Gomes de Oliveira.

**Análise de dados:** Jéssica Gomes de Oliveira.

**Discussão dos resultados:** Jéssica Gomes de Oliveira.

**Revisão e aprovação:** Jéssica Gomes de Oliveira.

### Preprint, originalidade e ineditismo

O artigo é original, inédito e não foi depositado como *preprint* (Caso o artigo não tenha disso publicado anteriormente).

### Verificação de similaridades

O artigo foi submetido ao iThenticate e obteve um índice de similaridade compatível com a política antiplágio da Tríades em Revista.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesse

Não há conflitos de interesse.

### Conjunto de dados de pesquisa

Não há dados disponibilizados.

### Utilização de ferramentas de inteligência artificial (IA)

Este artigo não contou com auxílio de ferramentas de inteligência artificial (IA) para redação de nenhuma das seções.

### Licença de uso

Os autores cedem à Tríades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do



trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **Publisher**

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Publicação no Portal de Periódicos da UFJF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **Editores**

Frederico Braidá; Vera Lúcia Nojima.

#### **Formato de avaliação por pares**

Revisão duplamente cega (*Double blind peer review*).

#### **Sobre os autores**

##### **Jéssica Gomes de Oliveira**

Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológico de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológico de Minas Gerais (CEFET-MG).

Currículo Lattes: [lattes.cnpq.br/4186096587571511](https://lattes.cnpq.br/4186096587571511)